

Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras¹

*Desires, Brazilian identity, and secrets:
sex business in the relationship between Spanish
clients and Brazilian transgender*

Larissa Pelúcio

*Professora de Antropologia na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Bauru)*

*Doutora em Ciências Sociais
larissapelucio@yahoo.com.br*

10

Resumo

A etnização do gênero e a sexualização da nacionalidade, são aspectos que tem permeado os encontros entre travestis brasileiras e a clientela espanhola no movimentado negócio do sexo pago. Nesses encontros sexuais/ comerciais, aspectos tomados como eróticos se associam a um exotismo que não se refere apenas à nacionalidade ou raça, mas também a possibilidades de experimentar possibilidades sexuais mais excitantes que as tidas como convencionais. Assim, a vinculação que muitos clientes fazem entre o Brasil e o corpo travesti só pode fazer sentido quando examinamos a densa gramática sexual que permeia essas relações. Para explorar as possibilidades desta proposta recorro às contribuições da teoria queer as quais agrego a reflexões de autoras que tem pensado o mercado do sexo a partir do enfoque pós-estruturalista e pós-colonial. São essas as ferramentas que aciono para pensar os dados colhidos em um trabalho etnográfico que tem seu campo em São Paulo, Madri e Barcelona, assim como em sites espanhóis especializados no interesse sexual por travestis.

Palavras-chave: Mercado transnacional do sexo. Clientes. Travestis. Erotismo e exotismo.

Abstract

The gender ethnicization and the nationality sexualization are aspects that have been discussed in the relationship between Spanish clients and Brazilian transvestites in the brisk sex business in Spain. Sometimes, in these sexual relationships, which are also business relationships, erotic aspects are associated with exoticism that is not related only to nationality or race, but also to new sexual experiences that are more exciting than those considered conventional practices. Hence, the connection between Brazil and the transgender body, made by some Spanish clients, makes sense only when considering the dense sexual grammar involved in those relationships. These signs were structured based on continual colonial attributions, which have been given fresh meaning by the new migration flow resulting from the broad spread of images and insertion of Brazil into the sexual tourism route. Aiming at fully discussing this proposal, this research is based on the queer theory and on other studies in the literature that focus on the post-structuralist and post-colonial sex market. These tools were used to analyze the data gathered in an ethnographic study carried out in São Paulo, Madrid, and Barcelona, as well as data collected from Spanish websites about sexual interest in transvestites.

Keywords: Transnational sex market. Clients. Transvestites. Eroticism and exoticism.

¹ Este texto reúne algumas reflexões feitas a partir da pesquisa que realizei junto ao projeto temático “Gênero, corporalidades”, desenvolvida sob a supervisão de Adriana Piscitelli, no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Gostaria de agradecer a Sonia Fernández Rodrigo e Lizeth Alvarez Echeverry, do COGAM, Lola Martin e Isidro Garcia, do Programa Información a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid, Alberto Martín-Pérez e Monica, da AET Transexualia; Adriana Morales, de Stopsida, Geovanna Telles, Patrícia da Silva Pereira, Leticia Bismarck, Camila Rodrigues, Marcela, Yeda Brow, Sara Porto, Marcela, Roberta Rodrigues, Danil, Ovoboy, Jose, Javi (*Rincontranny*) e Jabato (*Sexo de Pago* o, que tornaram essa investigação mais viva, rica e divertida.

Também me “mata” Barcelona²

... Él sabe más de cultura que nadie en España, pero yo sé más sobre travestis (...) y para mí me parece bueno si mis conocimientos de las transexuales te pueda ayudar para lo mejor (...) Comprendo tu trabajo, pero no quiero que me veas como a un experimento (Juan, em conversa pelo MSN, em 27 mar. 2009).

Rodávamos de carro pela noite de Barcelona. Depois de muitas conversas via Messenger (MSN), já nos sentíssemos bastante à vontade e não exatamente em uma relação entre pesquisadora e entrevistado. Juan³, meu guia naquela noite, além de dono de um site especializado em travestis que se prostituem, já teve várias namoradas 'trans'⁴, assim, que chamá-lo de cliente não é apropriado, pois, conforme ele me disse, há anos não paga mais por serviços sexuais. Naquele momento estava em uma relação com uma travesti colombiana, e sua última namorada antes desta, havia sido uma brasileira, a quem ele havia acabado de prestar um favor, justificando o atraso em me pegar no hotel, ao fato de ter dado carona a ela e a uns amigos. Esses vínculos afetivos e o seu negócio virtual fazem com que conheça como poucos a dinâmica deste mercado na Espanha. Tornou-se, assim, um informante/colaborador valoroso para as questões que me moviam em campo naquele momento: pensar nos elementos de exotismo e erotismo na relação entre clientes espanhóis e as travestis brasileiras que têm migrado para trabalhar no competitivo negócio da prostituição naquele país.

Naquela noite, Juan me levava ao *Camp Nou*, famoso pelo estádio de Futebol do Clube Barcelona e por ser, já há alguns anos, região de intensa prostituição rueira. Ali, em um espaço dividido segundo origens nacionais, travestis colombianas se avizinham das venezuelanas, posicionadas estrategicamente em uma esquina. À esquerda dali, estavam as espanholas, também organizadas em bloco. Continuamos descendo para encontrar as brasileiras. Eram poucas naquela hora, não mais que quatro. Admirada, pergunto a Juan porque havia tão poucas, pois é notório nos meios virtuais (sites, blogs e fóruns) que, entre as travestis que se prostituem na Europa, as brasileiras são a maioria. Com seu jeito despachado, Juan responde: *“Hoy es sábado, y a esta hora las brasileñas ya se fueran a las discotecas! A las brasileñas les gusta salir de fiesta! Trabajar a los sábados, eso no les gusta para nada [risos]”*.

² Alusão que Caetano Veloso faz em sua música “Vaca profana” a um dos slogans da “Movida Madrirenã” (movimento artístico cultural surgido no pós-franquismo): “Madrid me mata”.

³ Nome fictício.

⁴ CADÊ A NOTA????

Como outros homens espanhóis que saem com travestis⁵, Juan têm uma série de firmes percepções sobre traços físicos e morais que identificam as diferentes nacionalidades que hoje compõem o cenário do sexo pago na Espanha. Ainda que muitos deles demonstrem saber que estão lidando com estereótipos, estes parecem ser importantes referentes para guiá-los no mercado do sexo⁶. O uso que estes homens fazem das noções cristalizadas das identidades nacionais é estratégico, mas nem por isso deixa de fixar expectativas naturalizadas sobre caráter e performances corporais segundo a origem de cada pessoa.

Nesse registro, não foram incomuns as observações feitas com certa convicção sobre as habilidades sexuais da gente do Brasil que, de acordo com Juan, “*les gusta demasiado el sexo*”⁷. Provoco a conversa nessa direção, quero saber por que vê as coisas desta maneira. Ele não tem qualquer problema para falar do assunto e começa a nomear as travestis brasileiras que conhece fazendo ligeiras descrições que comprovariam a disposição que elas têm para o sexo. Sugiro que as travestis citadas são pessoas que trabalham justamente com sexo e, talvez, por isso, procurassem mostrar esse desejo. Ao que ele

⁵ Ao longo de minha pesquisa de doutorado constituí uma rede de contatos com a clientela brasileira travestis. Aos poucos, essa rede se expandiu para alguns contatos em Portugal e, mais tarde, com os interesses do trabalho de pós-doutorado, procurei esses contatos também na Espanha. As interações com os clientes espanhóis iniciaram-se por meio de um fórum de debates do site *Rincontranny*, ao qual me filiei e me apresentei como pesquisadora. A partir dali obtive alguns interessados em teclar por MSN (07) e, com minha ida para trabalho de campo naquele país, pude ter contatos face à face com três deles. Além, dessas interações mantive consultas recorrentes ao fórum de um outro grande site espanhol (*Taiaka Shemale*), fonte rica para se acompanhar as discussões que fazem os clientes, expondo experiências, redigindo relatos, trocando impressões, expondo dúvidas, manifestando preferências, enfim, experienciando uma intensa sociabilidade neste espaço.

⁶ Adriana Piscitelli (2006) descreve esse mercado como aquele constituído não só pelo jogo de procura e oferta por serviços sexuais, mas também pela transnacionalidade, isto é, como sendo um espaço de relações diversas que é transversal às nações, pois se dá simultaneamente em diferentes localidades nacionais, com o fluxo de signos e significados, pessoas e bens, assim como pela internet, onde em diferentes sítios, plataformas e correios eletrônicos informações e afetos circulam para além de qualquer fronteira nacional. A partir das propostas de Laura Agustín (2001) e Piscitelli (2006), considero que há ainda toda uma indústria que dá sustentação a grande parte do mercado transnacional do sexo, emprestando-lhe toda uma estrutura organizativa e produtiva.

⁷ É interessante pensar o quanto o fato de ser pesquisadora me dessexualiza em campo. Juan e Jabato, outro espanhol, dono do blog *Sexo de Pago* e cliente no mercado do sexo, falaram sobre esse Brasil sexualizado comigo, por vezes, como se eu não fosse brasileira. Por outras, me pediam desculpas pelas observações sobre o Brasil que poderiam soar desrespeitosas, por serem demasiado generalizantes. Em alguns momentos, Jabato emendou: “*Bueno, sin animo de ofenderte, es brasileña, por supuesto sabes de ello*”, isto é sobre o envolvimento de brasileiros com o mercado do sexo e com demonstrações de sexualidade exacerbada. Entre os *t-lovers* brasileiros, grupo que se reunia em encontros presenciais na cidade de São Paulo, aconteceu algo semelhante. Aqueles homens falavam abertamente comigo sobre sexo e, uma vez, um dos mais próximos a mim comentou: “como você eu posso falar isso, você é antropóloga... não, por que você entende a gente, é uma de nós”. Paralelamente, havia um pacto entre eles, ditado pelo organizador do encontro, o que só fiquei sabendo muito tempo depois de terminado o campo, “ninguém toca na Lalá”, sugerindo que pudesse haver interesse de alguns deles em me abordar de maneira mais sexual. A instigante reflexão de Suely Messeder sobre sua inserção como antropóloga brasileira na região da Galícia, Espanha, pede que se considere que “a dimensão do desejo não pode estar limitada a sua coexistência com o sexual. E nem tampouco esta dimensão deve estar desatrelada aos constituintes de raça/etnia, sexo/gênero e classe” (MESSEDER, 2008, p. 6).

emenda argumentando que são tantas as brasileiras e brasileiros no mercado do sexo espanhol, que se torna difícil não associar essa propensão para o sexo com a brasilidade.

A impressão que Juan tem do Brasil como terra exótica e sensual, me parece, reflete a de outros tantos espanhóis, independente do grau de envolvimento que tenha com o mercado do sexo. Instigada por essas conversas, pelo campo etnográfico entre sites e contatos com travestis que estão neste momento se prostituindo na Europa, comecei a pensar, ainda que de maneira um tanto ensaística, sobre cultura sexual, corpos que se movem, identidades que estrategicamente jogam com estereótipos, gênero que se racializam, nacionalidades que se sexualizam, desejo transnacionais e gramáticas eróticas.

A partir da sugestão epistemológica da filósofa Beatriz Preciado procurarei articular a relação entre erotismo, exotismo, travestis brasileiras e seus clientes espanhóis. Para tanto, tomarei estas questões como integradas em um sistema global de sexo-raça-capital. Um campo de forças, que segundo a filósofa espanhola, “nada fica de fora” (PRECIADO em entrevista a CARRILLO, 2007, p. 398). Do trânsito de pessoas pelo mundo regulado pelo controle das fronteiras, às fluxos corporais (hormônios, esperma, sangue, órgãos), sob o domínio de saberes que detêm o monopólio legítimo das modificações de sexo e gênero, nada escapa àquele sistema.

Assim, me interessa examinar os discursos que nos produziram como colonizados e eróticos, como distantes e exóticos. E, na lógica da suplementaridade⁸, pensar o que faz com que espanhóis perguntem sobre qual é o vínculo entre a sexualidade brasileira e 'produção' de travestis, ao invés de interrogarem-se sobre seus próprios desejos que mantêm a demanda de travestis para o mercado do sexo espanhol. Ou que, no Brasil, não se questione sobre o fato de tantas travestis estarem na prostituição, arriscado a sorte em viagens à Europa.

No Brasil a travesti é vista pelo senso comum como portadora de uma sexualidade desregrada, própria das classes populares. Visão que reforça a

⁸ Jacques Derrida filósofo francês ofereceu ferramentas teóricas para que os estudos queer e pós-coloniais avançassem. O seu conceito de suplementaridade, por exemplo, opera no sentido de explicitar o jogo de naturalização de categorias históricas, de maneira a desconstruir a lógica binária que estabelece certos termos como excludentes, e não como interdependentes e integrados em um mesmo sistema. “Assim, em um exemplo caro aos queer, a heterossexualidade só existe em oposição à homossexualidade, compreendida como seu negativo inferior e abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o Outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio” (MISKOLCI, 2007, p. 5). Ou, como apontou Edward Said (2007) ao afirmar que o Ocidente só pode se constituir como superior e civilizado, pela mitificação generalizante da alteridade de um Oriente mítico.

associação mecânica que se faz entre travestis e prostituição, termos tornados quase sinônimos nas falas cotidianas. Em relação à Europa me ocorre pensar se a locução 'travesti brasileira' não encerraria, atualmente, um pleonasma. O que pode sugerir uma 'racialização' dessa expressão de gênero e, ao mesmo tempo, uma generificação do Brasil. A sexualização persistente que se tem feito do País, visto e divulgado como um lugar de liberdade sexual, sensualidade e lascívia, confere-lhe atributos femininos e erotizados, essencializados pela naturalização de aspectos que são de fato histórica e politicamente construídos.

Desde o final da década de 70⁹, travestis brasileiras têm encontrado em alguns países europeus, alguma mobilidade social. Entretanto, não é só em busca de dinheiro que migram, mas também de um conjunto de bens simbólicos, entre estes o respeito. Nesses deslocamentos, elas parecem buscar não só uma experiência internacional, mas, sobretudo, uma saída possível dos espaços liminares. Neste ponto as relações entre corpo, gênero e cultura serão lidas a partir das contribuições da teoria queer¹⁰.

As vidas de muitas travestis vêm sendo tomadas como desimportantes, justamente porque elas, mesmo que de forma não intencional, são capazes de denunciar que o gênero é performativo. Ou seja, que ele é um mecanismo que naturaliza o masculino e o feminino. Mas, elas provam que este mesmo mecanismo pode servir para desconstruir esse binarismo, alargando o campo semântico do gênero.

⁹ Nos anos 80, esse fluxo se intensifica, fazendo, inicialmente, da Itália um país receptor. As histórias de sucesso sobre aquelas que haviam ido, enriquecido e até mesmo casado, passaram a circular, e nem o pânico moral suscitado pela AIDS, foi capaz de comprometer o glamour que essa experiência representava. Evidentemente, nem todas obtinham sucesso no mercado do sexo italiano, mas, as histórias daquelas que voltavam “belíssimas” e endinheiradas, apagava os insucessos das “sem axé”. Ao final dos anos 90, com a expansão da internet, o fluxo de imagens, conversas, informações e desejos aumenta consideravelmente, e as travestis passam a se valer desses recursos de comunicação para se informar e se promover. Porém, o grande número de prostitutas travestis nas ruas italianas, os conflitos morais que a prostituição aciona, o papa e as políticas de Berlusconi, começaram a comprometer a permanência das travestis naquele país. Ao mesmo tempo em que isso ocorria, a vizinha Espanha, transformada social e politicamente pelo fim do franquismo, ingressava no seletor clube da Comunidade Européia, e, em 2002, adotava o euro. O fluxo migratório se volta, então, para aquele país. Dados de pesquisa realizada pela Fudación Triángulo, de Madri, mostram que o fluxo de “pessoas transexuais” originárias da América Latina se intensificou significativamente entre os anos de 2003 e 2006. Das 58 latino-americanas entrevistadas (22,4% brasileiras) 18,9% chegaram à Espanha no ano de 2004. Atualmente a rota está ganhando novos contornos, uma vez que muitas travestis, sobretudo as mais experientes e melhor sucedidas, têm circulado dentro da Europa, em sistema temporário, priorizando, neste momento, os países nórdicos.

¹⁰ Os estudos queer surgem nos Estados Unidos nos anos de 1980, numa interlocução crítica com os chamados estudos gays e lésbicos. O texto *Between Men: English Literature and Male Homosexual Desire*, de Eve Kosofsky Sedgwick, publicado em 1985, é considerado por muitas e muitos pesquisadores e pesquisadores como aquele que funda essa corrente de estudos. Originada a partir dos estudos culturais norte-americanos, a teoria queer “baseada em uma aplicação criativa da filosofia pós-estruturalista para a compreensão da forma como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea, há mais de uma década debatem-se suas afinidades e tensões com relação às ciências sociais e, em particular, com a Sociologia” (MISKOLCI, 2009, p. 150).

Judith Butler, que está hoje entre as teóricas mais influentes dos estudos queer, propõe que o binarismo de gênero é instituído no quadro de um sistema heterossexual de produção e reprodução. Nesta perspectiva, o gênero é norma que se materializa discursivamente, e que revela os dispositivos de poder e saber que são acionados nessa construção e manutenção. Desvelar esses mecanismos que naturalizam e essencializam os termos e as relações por eles significadas requer uma profunda genealogia dos termos. A começar pela própria heterossexualidade.

As normas de inteligibilidade reiteram, de forma compulsória, a heterossexualidade. A mesma norma que relega às margens os sujeitos que a ela não correspondem. Esses corpos que “não importam”, porque inadequadamente engendrados, são, por outro lado, imprescindíveis socialmente, pois as fronteiras da normalidade só podem ser claramente demarcadas a partir da instituição desses corpos abjetos. Isto é, aqueles que são alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas invisíveis e inabitáveis” onde, segundo Butler (2002), estão os seres que não se “materializam” de fato, por isso, não importam. Aqueles que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural. A normalidade se circunscreve a partir da fixação desses territórios de abjeção, estreitamente vinculada ao não-humano (BUTLER, 2002, p. 20)¹¹.

Historicamente patologizadas, criminalizadas, ridicularizadas e assassinadas, as travestis brasileiras têm perseguido na Europa projetos de ascensão financeira, e nessa busca acabaram, a meu ver, descobrindo possibilidades de viverem vidas mais habitáveis. Vidas muitas vezes indocumentadas, vividas nos entre-espços criados por uma vasta rede de sociabilidade e negócios, mas que tem garantido a muitas a possibilidade de conhecer lugares famosos, comer em bons restaurantes, conhecer outras culturas e línguas. E de quebra experimentar o privilégio de sobreviver.

“Elas são tantas”

Para cosas exóticas hoy en día no hace falta salir del país, pero esta variedad de travestis no existía hace 8 o 10 años (Cliente de travestis, comentário postado no site Rincontranny em agosto de 2007).

¹¹ Esse não-reconhecimento, que quita de alguns seres o sentido de ontologia, parece-me transferível também aos homens que buscam sexo e/ou relações afetivas com as travestis, como espero se evidencie ao longo deste texto.

Adriana Piscitelli, hoje um nome de referência nos estudos sobre o mercado transnacional do sexo e turismo sexual, tem se dedicado de forma mais focada na relação de mulheres brasileiras com o negócio do sexo pago na Espanha. Ainda assim, em suas entrevistas a clientes, donos de 'pisos'¹² e trabalhadoras do sexo, é possível encontrar convergências entre as experiências da clientela de travestis e de mulheres¹³. Porém, como sublinha Piscitelli é preciso considerar que, “para entender as relações das imagens sobre o Brasil com a inserção das brasileiras no mercado transnacional do sexo é necessário prestar séria atenção aos cenários nos quais as convenções eróticas se materializam” (PISCITELLI, 2007, p. 19). É o que busco fazer nesta seção, privilegiando os espaços virtuais de interação entre clientes, e deste com as travestis.

A Espanha experimentou profundas mudanças nas últimas duas décadas. Os câmbios foram de toda ordem (política, social, cultural e econômica). Com a entrada do país no seleto clube dos países comunitários e, conseqüente, adesão ao euro, o país que já vinha atraindo imigrantes das ex-colônias e outros vindos de alguns países africanos e do leste europeu, tornou-se um destino convidativo também para brasileiros e brasileiras e, entre estes, as travestis. Essa intensificação migratória, fez com que em poucos anos, aquele país deixasse de ser um local de emissão de pessoas para tornar-se de recepção. “*En España hace 25 años los únicos negros que había eran los jugadores norteamericanos de los equipos de básquet prácticamente y en 25 años hemos pasado a ser un país multicultural*”, comenta o dono do blog *Sexo de Pago*, um sítio sem propósitos lucrativos, que há 12 anos divulga serviços, dicas e comentários sobre diversos temas que cercam o mercado sexual espanhol.

Esse 'multiculturalismo' aparece, por exemplo, na vasta oferta de nacionalidades, estilos corporais e aspectos geracionais que se pode encontrar nos ambientes de sexo pago. Piscitelli (2009) chama atenção que garantir uma certa variedade é um dos critérios mercantis que administradores/ras de pisos e clubes procuram adotar a fim de garantir seus negócios. Ainda que, de acordo com as análises dessa pesquisadora, mulheres com marcas étnicas muito

¹² São apartamentos onde trabalham de 3 a 8 travestis e/ou mulheres (ainda que um de meus informantes ter me dito que nunca ouviu falar de pisos onde travestis e mulheres trabalhem juntas, uma das travestis que entrevistei disse já ter atuado em um onde havia mulheres). Há ainda aqueles em que travesti e rapazes trabalham juntos, (ouvi falar de poucos com esse arranjo). Os pisos são gerenciados por alguém que paga os anúncios, garante o espaço para o programa e cobra, geralmente 50% do valor do mesmo de comissão. Nos pisos geralmente não se cozinha, a comida deve ser pedida por telefone ou, em alguns casos, se é obrigada/o a comprar a que o piso fornece, que costuma custar 10 euros.

¹³ Esses aspectos comparativos serão tratados na próxima seção. Ressalto que a ênfase antes trabalho será conferida à relação entre clientes e travestis, e não a outros agentes que compõem o mercado do sexo. Advirto ainda que por questões analíticas o enfoque está mais centrado na visão que os clientes demonstram ter do que das travestis.

acentuadas não sejam bem cotadas, pois além de fugirem de padrões de beleza mais hegemônicos, essas marcas corporais sugerem traços morais que serão desvalorizados por clientes. Mesmo assim, o que os dados de pesquisa como as de Piscitelli indicam é que certa variabilidade é um atrativo, desde que não seja demasiadamente racializada.

Em relação às travestis, brasileiras ou não, o critério de 'variedade' como atrativo para um 'piso' (geralmente as travestis não trabalham em clubes) encontra-se subsumido pelo fato de serem estas "*mujeres con una sobresita*", como costumam se anunciar. Porém, o que observo é que, distintamente do que Piscitelli registra acontecer no mercado sexual voltado para mulheres, entre as travestis a nacionalidade torna-se um dos elementos a serem sublinhados. Os critérios regionais (latinas, eslavas, africanas) que orientam os clientes e empresário/as do setor, quando se trata de travestis não faz muito sentido, uma vez que quase a totalidade delas é latino-americana¹⁴. Porém, ao percorrer os comentários postados por clientes no *Rincontranny* e *Taiaka Shemale*, a singularidade nacional muito valorizada pelas profissionais do sexo brasileiras, ora aparece como uma referência pouco relevante, ora vem sublinhada. Sobretudo na associação entre nacionalidade e aspectos profissionais: ser limpa, honesta no preço e implicada com o que faz. Traços morais também entram na economia política do sexo pago. Assim, predicados como 'ser quente', 'carinhosa', 'simpática', também são contabilizados em clara relação com nacionalidade. Ainda que entre aquelas nacionalidades das ex-colônias espanholas ocorra de equatorianas, colombianas, venezuelanas e peruanas não aparecerem singularizadas por alguns clientes, sempre que aspectos étnicos/raciais se acentuam essa relação é apontada (ter aspecto mais indígena, por exemplo). Neste sentido é interessante observar que cubanas e dominicanas, ainda que também venham de antigos domínios espanhóis, têm sua origem nacional acentuada. Talvez, essa singularização tenha algo que ver com o fato de serem minoritárias, ou ainda por muitas delas serem negras ou mulatas, provocando a ancestral associação entre negritude e voracidade sexual, que por sua vez relaciona-se com órgãos sexuais diferenciados (por exemplo, possuírem pênis maiores do que os não-negros)¹⁵. Essa singularidade, no caso das cubanas, se expressa, inclusive na expressão "*hacer una cubana*", prática sexual na qual o pênis do parceiro é friccionado entre os seios de sua companheira¹⁶.

¹⁴ No site *Taiaka Shemale* havia apenas uma russa e uma filipina entre as 200 anunciantes (consulta feita em 22 mai. 2009).

¹⁵ Para uma estimulante discussão sobre a associação entre anatomia, raça e sexualidade ver Rago (2008).

¹⁶ Uma curiosidade: sempre que mencionava com clientes e outro/outras interlocutores/as sobre o fato de "la cubana" no Brasil ser chamada de "fazer uma espanhola", havia grande admiração das pessoas, que não conseguiam associar essa prática às mulheres nacionais.

Por outro lado, não é incomum, que nos textos dos anúncios publicados pelas travestis nos sites já citados, o adjetivo 'exótico' venha seguido da medida do 'dote', isto é, do tamanho do pênis. O que pode sugerir que o exotismo se relacionaria mais ao fato de serem “*mujeres con pollas*” (mulheres com pênis) do que ser originária de um determinado país ou região¹⁷.

Porém, explorando os diversos assuntos que aparecem no fórum do site Rincontranny, encontro uma enquete proposta por um dos “*foreros*” (forma como os frequentadores mais assíduos se nomeiam) na qual a qualidade do serviço sexual vem diretamente relacionada ao pertencimento nacional. Max 22, o autor da mesma, propõe aos demais participantes do fórum que opinem sobre a classificação que ele elaborou.

Abro este tema para debatir (...) El asunto es el siguiente, la nacionalidad de la tranny escort [travesti garota de programa] y las expectativas " a priori" que suscita, en relación de cómo nos lo vamos a pasar. Desde el primer momento digo que es una injusticia generalizar, y que hay de todo en todos los sitios, pero creo que tengo suficientes elementos de juicio para poder hacer una “especie” de estadística (...). Desde mi punto de vista es el siguiente:

Colombianas: A priori dos puntos a favor, suelen ser simpáticas y enrolladas. Venezolanas: Un punto a favor, parecidas a las colombianas pero puede salir alguna “rana”. Brasileñas: Neutro (o ligeramente favorable) Debido a su gran número hay de todo, aunque en general son buenas profesionales. Españolas: Hay pocas, neutro en general. Argentinas: Dos puntos en contra, es bastante probable que con una argentina no encuentres el servicio que buscas (aunque evidentemente hay de todo también p.e [por ejemplo] Nacha). Pero a la hora de elegir siempre son mi última prioridad (Max 22, cliente, Rincontranny, 17 jul. 2009).

Os comentários (14 no total) oscilam entre aqueles que acham que critérios nacionais são definidores a outros que acreditam que esse é um indicador pouco relevante. Ainda que todos os que responderam a essa enquete tenham observado que não se deve generalizar (incluído o próprio autor do

¹⁷ Listo alguns exemplos neste sentido: “Hola soy Yessica una exuberante y exotica chica con una dotación de 24 cm por 7 de goso”; “Hola soy Carla una exuberante y exotica brasileña de origen americano, con una dotación de 23 cm”; Hola soy Alana Santos la famosa de los foros, una exuberante y exotica chica con una dotación de 24 cm por 7 de goso; “Nurya Lewinski super star actriz porno brasileña, una trans independiente, super sensual de una belleza exotica, una mujer con miembro y unas curvas increíbles” (Trechos de anuncios do *Taiaka Shemale*).

post) nesses casos, não se furtaram proceder desta forma, ainda que com cautelas. Um deles escreve que em relação às brasileiras, a generalização era um erro, pois elas são tantas que tomar a parte pelo todo não refletiria os fatos. Ao que outro rebate dizendo que sim, elas têm um traço comum, o 'divismo', isto é, sentem-se divas e por isso agem com arrogância, esnobando as outras e os próprios clientes.

Outro *forero* expressa esse generalismo a partir de um recorte positivo, reconhecendo que

las hispanoamericanas son más limpias en general, más regulares para bien y más "precavidas", pero en cambio las brasileiras "calientes" son inigualables sexualmente (Cliente de travestis, comentário postado no fórum *Rincontranny*, em 18 jul. 2007).

Essa observação sobre as brasileiras corresponde ao comentário de Juan naquela noite em Barcelona: *“las brasileñas son las más bravas”*. Peço que ele me explique o que isso quer dizer. *“Que les gusta hacer al pelo”*. Insisto que não entendo. *“Son tan cachondas [muito excitadas sexualmente] que no les gusta hacer con condones”*. Observação que contrasta com o que ouço recorrentemente nas conversas com travestis que trabalham ou já trabalharam em Espanha. Elas costumam associar o desregramento sexual, relacionado a práticas consideradas pouco convencionais, aos clientes espanhóis. E que, segundo elas, quem não gosta de preservativos são eles. Por sua vez, quando se percorre esse tema nos fóruns, o preservativo é sempre mencionado pelos *“foreros”* como um item essencial para a segurança da relação.

Se essa homogeneização – seja das travestis em relação aos clientes ou deste em relação a elas – borra as singularidades, por outro lado ajuda cada parte a se situar melhor nesses encontros racializados, que como observa Avtra Brah “têm lugar em espaços de profunda ambivalência, admiração, inveja, desejo” (BRAH apud PISCITELLI, 2008, p. 269).

Raça, sexo e segredo

A pele, como o significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como 'conhecimento geral' de uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais

(Bhabha)

A exotização¹⁸ e erotização do 'outro' têm sido formas de expressar simbolicamente, nas relações cotidianas, processos de dominação econômica e cultural. O colonialismo parece ser um desses eventos que saturou de signos eróticos não só as terras 'exóticas', mas também seus habitantes. Na tradição moderna ocidental o erótico guarda marcas históricas persistentes que dão sentido aos encontros sexuais contemporâneos. “O prazer de sentir o diverso” (SEGALEN apud LEITÃO, 2007), não se separa das experiências coloniais, dos mitos acerca do “outro” não-europeu, de um “orientalismo” (SAID, 2007) como conhecimento articulado a partir do olhar hegemônico, sobre uma vasta periferia, e assim, permeado por relações de poder.

O corpo da travesti é hoje na Espanha (e talvez em outros lugares da Europa também), um corpo que fala do Brasil. O país aparece no discurso de alguns desses homens com os quais mantenho contato, como uma terra desafiante, que convida à aventura, mas também como “uma usina de produzir travestis”. Sites especializados em serviços sexuais prestados por travestis ajudam a reforçar essa percepção. Na última atualização do seu catálogo de anunciantes (consulta feita em 22 mai. 2009), o Taiaka Shemale, um dos sites espanhóis que tem o maior número anunciantes travestis, exibia fotos de 200 de profissionais do sexo. Entre as que declaravam sua nacionalidade (178), 115 eram brasileiras. Talvez por isso, Juan reconheça o Brasil como “uma usina de fabricar travestis”. Ainda que ele, assim como muitos dos participantes dos fóruns de debates existentes nos dois sites que utilizo nesta pesquisa (ver nota 5), não consiga entender esse fenômeno. Da mesma forma, os brasileiros, em geral, tampouco saberiam explicá-lo. Até mesmo porque, há no Brasil uma grande indefinição em relação ao que é ser travesti (KULICK; KLEIN, 2003)¹⁹.

¹⁸ Ainda que possamos pensar que tem havido uma sistemática domesticação desse exotismo, dado o volume de informações que circulam sobre o Brasil como local de turismo tropical, de sua pobreza e criminalidade (divulgadas pelos telejornais) criando uma ideia de familiaridade e de superioridade para os estrangeiros. No caso específico das travestis, o grande número delas que hoje frequentam sites especializados, os fóruns e espaços virtuais de interação oferecem a esses homens um conhecimento prévio delas e mesmo que se apresentem a partir de referências que buscam atender a expectativas que essa clientela tem em relação às travestis brasileiras (ser carinhosa, “quente”, sexualmente disponível etc.).

¹⁹ A maioria das travestis brasileiras tem construído sua subjetividade a partir de uma forte referência na sexualidade e na corporalidade. Ter um “corpo de mulher” desejável, e poder verificar seu poder de sedução a partir dessa construção corporal, são aspectos importantes na trajetória de meninos quase sempre pobres, violentados de diversas formas desde muito pequenos. Aponto para esse quadro de violência sem, contudo, pretender construir uma imagem vitimizada das travestis, pois o que a experiência etnográfica mostra é a capacidade de agência, presente nesse processo de mobilidade/transformação, marcado por diferentes estratégias de resistência. Entre as estratégias acionadas, a viagem a Europa tem se apresentado como uma das possibilidades de ascensão financeira e simbólica. Para uma discussão mais aprofundada sobre este ponto ver Pelúcio (2007).

Apesar de os homens com quais tive maior proximidade se julgarem conhecedores do Brasil, justamente por já terem convivido intensamente com travestis brasileiras, donos de 'pisos' e, por vezes, com e como namorados/maridos das primeiras, de fato, este conhecimento aparece bastante marcado por generalizações que envolvem, mais que marcas raciais/étnicas, traços morais. Por exemplo, quando digo a Juan que ele tem de dedicar uma de suas férias a uma visita ao Brasil e lhe ofereço minha casa, ele ri e comenta: *“No me faltará casa cuando me vaya a Brasil! Todas la gente me invita a la suya y me dicen que me van a presentar sus padres y madres, pero no lo tomo en serio. Lo brasileño está siempre ofreciendo esto tipo de cosas, pero lo mejor es que uno no confíe mucho en estas ofertas”*. Retruco confirmando minha intenção. E ele, *“pues, tu eres brasileña, de todos los modos me vas a invitar. A ver si en ti puedo confiar”*, e ri como quem sabe que, ao fim, está manipulando estereótipos. Essa consciência se expressa quando, em outro momento desse nosso encontro, Juan se diz muito “enfadado” com o fato de seu país ter ganhado projeção internacional nos últimos anos por meio dos filmes de Pedro Almodóvar. *“Un maricón”* que mostra ao mundo uma Espanha de gente *“rara”* [estranha]. Meu interlocutor não aceita a defesa que faço do trabalho de Almodóvar, contestando que ele quer que seu país continue sendo conhecido pelas touradas, pelo flamenco e pela guitarra *“gitana”*.

Centro-me nos depoimentos de Juan, por tomá-lo como emblemático de outras impressões trocadas entre mim e esses homens, como também pela análise das discussões presentes nos fóruns já indicado. Assim, arrisco afirmar que o conhecimento que demonstram ter do Brasil é construído a partir dos elementos que conseguem reunir desde seu país, seja pelas imagens que viajam em anúncios turísticos, na promoção de produtos brasileiros (caipirinha, sandálias havaianas, biquínis) ou em documentários e, mesmo, nas novelas. O convívio também fornece elementos para a composição dessas imagens, ainda que muitas vezes ele se dê com o grupo específico de brasileiros, sejam as travestis que se dedicam ao negócio do sexo pago e/ou outros agentes que atuam neste negócio.

Mais recentemente, a inserção do Brasil no chamado circuito do turismo sexual, reforçou e/ou resignificou os vínculos históricos entre sexo e nacionalidade. Daí a relevância de se incluir nesse exercício reflexivo o conceito de intersecção dos marcadores sociais de diferenças (raça/etnia, gênero, nacionalidade, sexualidade, geração), contextualizando a forma como eles operam, são negociados, significados e apropriados. As travestis jogam, com maior ou menor consciência, com estes estereótipos, a fim de se promoverem no competitivo mercado espanhol, e assim, acabam, por vezes, fortalecendo

imagens sexualizadoras do Brasil. Não é raro que se apresentem nos sites especializados como “*exóticas*”, “*piel bronceada*”, “*brasileña caliente*”, “*culo repingon*” [bunda arrebita].

No mercado transnacional do sexo, muitas travestis brasileiras são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade, mas o que percebo é que elas vão manipulando esses estereótipos para se promoverem naquele competitivo negócio. Aprendem acionar jogos eróticos que lidam com papéis de poder e submissão, dominação e passividade. Por seu lado, a clientela parece fazer o mesmo, ainda que, dentro do espectro de clientes com os quais tenho contato, essa operação nem sempre seja vista como segura no que se refere à garantia de uma boa relação.

Estrategicamente, é possível propor que aqueles adjetivos etnicizados acionados pelas travestis brasileiras sejam críveis e funcionem como estimulantes sexuais, justamente porque fazem parte de toda uma gramática de excitação dos prazeres constituída nas tramas históricas do imperialismo e colonialismo, bem como nos processos mais contemporâneos relacionados à globalização e, mais recentemente, ao turismo internacional.

Luciana Pontes ao analisar a representação de mulheres brasileiras na mídia portuguesa, avalia que

estes processos têm como pano de fundo as relações desiguais entre países, em que as relações “centro-periferia” se expressam no campo simbólico em representações de tropicalidade e exotismo, em que os diferenciais de desenvolvimento e distribuição de renda são sensualizados (PONTES, 2004, p. 232)

Desta forma, a tropicalidade evidenciada pelas praias, calor, futebol, carnaval e travestis são elementos naturalizados e relacionados com a constituição de certos corpos e subjetividades. A praia produz pessoas sempre bronzeadas e relaxadas; o calor, mais do que um elemento climático, torna-se metafórico, abrasando as relações; o futebol e o carnaval são as expressões corporais por excelência, depois do sexo, é claro. Justamente porque a praia e o calor seriam um eterno convite ao prazer, ao movimento malicioso dos corpos e à sua exposição. E, por fim, como somos naturalmente musicais gingamos, sambamos e transamos como ninguém. Essa essencialização parece só não poder explicar porque é daqui, justamente, que saem tantas travestis. O interessante é que poucas vezes ouvi a pergunta sobre por que elas deixam o Brasil.

As experiências que constituem as travestilidades no Brasil estão entrecortadas pela racialização e sexualização de determinadas classes sociais e

de certos fenótipos de cor. Pela erotização de relações subalternizantes e pela exigência de uma coerência que deve ser corporificada entre feminilidade e passividade. Por isso, quem sabe, sejamos uma “usina de fabricar travestis”. Assim, como a Espanha parece ser uma usina de fabricar clientes para elas. Aqui, caberia desvelar as tramas culturais, que incitam o desejo desses homens.

Jabato é o *nickname*²⁰ de um dos meus mais estimulantes interlocutores. Administrador do blog *Sexo de Pago*, ele orgulha-se não só de seu “personagem” (é assim que ele denomina sua atuação na web) como também da respeitabilidade que angariou nestes 12 anos como cronista, cliente, amigo e grande conhecedor, por tanto, de profissionais envolvidas/dos no negócio do sexo. Parto de seus conhecimentos para ensaiar uma aproximação desse universo dos desejos clandestinos.

Segundo Jabato, os anos de 1990 marcam a chegada das travestis brasileiras a Espanha. Ele contabiliza algumas poucas antes daquele período, frisando que aquelas pioneiras ganharam muito dinheiro, pois ofereciam

lo que nadie tenía. Eran trans muy femeninas. Las trans españolas no estaban muy evolucionadas. Venían de una época muy dura con mucha represión el fenómeno trans ha empezado a masificarse desde hace unos 5 años. Parece que los españoles somos más liberales y nos atrevemos con cosas distintas, a probar cosas nuevas. Morbo. No sé cómo explicarlo (em conversa encetada por MSN em 25 fev. 2009).

Na fala de Jabato transformações locais se intersectam a fenômenos globais que provocaram o fluxo de imigrantes latino-americanos para Espanha. Esses fenômenos históricos se relacionam provocando o “morbo” [excitação sexual/tesão] dos espanhóis pela variedade de corpos etnicamente marcados, somado a uma paulatina liberação de costumes que se acentuou no início do século XXI²¹.

Adriana Piscitelli toma o fator variedade/diversidade como um dos elementos relevantes na indústria espanhola do sexo.

²⁰ A palavra significa “apelido” em inglês, mas “aportuguesou-se” pelo sua propagação na internet, significando uma identidade virtual.

²¹ Anistia aos imigrantes ilegais; legalização do casamento entre parceiros do mesmo sexo; a adoção de crianças por essas mesmas parselhas, a chamada lei de identidade de gênero, que permite que “pessoas transexuais” troquem o nome de batismo depois de dois anos de acompanhamento terapêutico, são algumas das mudanças que sugerem um país mais arejado em termos morais. Para uma discussão mais aprofundada ver Patrício, 2008.

Autores que estudam a relação entre produção e consumo de massa chamam a atenção para o surgimento de uma nova diversidade no mercado de consumo, a partir da década de 1960, que contrasta com a homogeneização na produção existente até esse período (MILLER, 1987). A grande variedade presente em clubes e apartamentos voltados para a oferta de serviços sexuais em grandes cidades espanholas parece remeter a essas observações (PISCITELLI, 2009, p. 185).

Ainda que se refira principalmente ao sexo pago com mulheres, é possível tomar a observação de Piscitelli também no que se envolve às travestis. Os comentários que circulam no *Ricontranny* sugerem que variar é “*morboso*” [excitante]. Um dos *foreros* escreve entusiasmado por ter descobertos “*trannys*” [travestis]²² russas, enquanto outro espera conseguir estar com alguma delas para poder dar um parecer sobre a relação nacionalidade/qualidade do serviço. Por sua vez, o *post* intitulado “asiáticas”, no mesmo site, recebeu 950 respostas, a maior parte deles com breves comentários, mas com intensa troca de fotos das profissionais que cada cliente julgou mais atraente, ampliando o leque de ofertas das “orientais”.

No caso das travestis, vale sublinhar que a maior parte delas é latino-americana, o que parece por si só racializá-las. Porém, entre as latinas existem as que são mais claras de pele e que se apresentam como loiras; as que preferem explorar a “morenidade” como marca de sensualidade e exotismo; as que ressaltam sua origem descrevendo-se como “*la india amazonica activa y pasiva*”²³ ou explorando os estereótipos raciais sobre as pessoas negras e traços sexuais mais acentuados. Nas guias eróticas encontramos, por exemplo, “*la diosa del amor*” Afrodita, uma negra cubana. Ou as tantas Anacondas²⁴, todas negras que procuram valorizar pela sugestão de uma sexualidade selvagem, aquilo que é um atributo desqualificador: a raça. As nacionais parecem ter entendido que racializar-se é um atrativo nesse mercado. Assim, África, uma travesti espanhola, mesmo sendo de pele clara e de cabelos tingidos de loiro escolheu para si este nome sugestivo.

²² Nesse site os seus frequentadores adotam, muitas vezes, este termo anglo-saxão para se referirem a travestis.

²³ Uma travesti brasileira chamada Anita Garibaldi, loira, de pele clara e bronzeada, com traços de pessoas oriundas do sul do País, anuncia-se como “*una indígena guapísima del Amazonas*”. Como também escreve que é brasileira, fica sugerido que independente da aparência física, a nacionalidade se sobreporia, fazendo crível sua anunciada origem indígena.

²⁴ Como forma de valorizar e referenciar a genitália avantajada muitas travestis negras que trabalham na Espanha adotam o sobrenome de Anaconda, em referência a cobra mítica e enorme que habitaria a selva amazônica e que ficou famosa a partir de um filme produzido em 1997, por Luis Llosa, com a norte-americana-latina Jennifer Lopez.

Ao contrário do que apontam os dados de Piscitelli, entre os *foreros* do *Rincontranny* e *Taika Shemale*, as profissionais do sexo espanholas são as menos valorizadas²⁵. Citadas como pouco femininas, sem muita higiene e até mesmo com “uma espécie em extinção”. Aqui, não é propriamente a distância cultural que se busca, mas um tipo de expressão de gênero e sexualidade singular, que parece se relacionar fortemente com as culturas sexuais latino-americanas, com marcada peculiaridade no que se refere àqueles países onde a escravidão negra foi mais intensa, unindo ao sistema de *plantation*, submissão racial e exploração sexual.

Ao analisar a forma como o poder imperial atua, Anne McClintock propõe que no âmbito deste poder, “gênero está vinculado à sexualidade, mas também ao trabalho subordinado e raça é uma questão que vai além da cor da pele, incluindo a força de trabalho, atravessada por gênero” (PISCITELLI, 2008, p. 268). Em relação às travestis brasileiras inseridas no mercado do sexo europeu, essa observação ganha dimensão empírica.

Jabato comenta sobre a maciça chegada de estrangeiros a Espanha não era vista como problemática até que a falta de trabalho acirrou disputas por postos de serviços, incluindo à prostituição, que acabou sendo ocupada por determinadas nacionalidades mais do que por outras. “*Brasileños, sin ánimo de ofenderte... hay muchísimas brasileñas, chicas, trans y chicos haciendo la prostitución. Si tu miras las paginas en internet, guías eróticas, webs lo podres ver a nivel de transexuales es increíble, y de chicos también*” (Conversa pelo MSN em 30 mar. 2009).

Essa oferta alargada e diversificada (mulheres, homens e travestis) relaciona o Brasil à prostituição, feminizando o país, que ganha um gênero, uma vez que esta atividade tem vínculos simbólicos com o feminino. De forma metonímica essa generificação atravessa as relações entre clientes espanhóis e travestis.

Os homens espanhóis que pagam por sexo com travestis são colecionadores de sensações eróticas, entre estas, a do segredo, pois este se relaciona às aventuras, aos atos que os tiram da previsibilidade cotidiana. Talvez, por isso, os espaços dos fóruns se tornem tão frequentados, justamente por possibilitarem compartilhar esses prazeres, ressaltando aspectos de sua masculinidade que se publicizada fora desses espaços poderia ser posta em xeque.

²⁵ “A ideia é que os clientes dos espaços mais sofisticados e cosmopolitas estabelecem uma hierarquia entre as mulheres que oferecem serviços sexuais, organizada em torno de diversos ‘traços’, como juventude, beleza, educação e etnicidade. O ranking seria encabeçado pelas espanholas, seguidas por mulheres do Leste europeu, latino-americanas e, em último lugar, africanas (PONS; RODRIGUEZ; VEGA, 2002). (PISCITELLI, 2009, p. 187).

As interações *on-line* conferem não só sentido de pertença e de normalidade aos *foreros*, como um ambiente onde o segredo pode ser falado e fruído, divulgado e comentado por outros, atestando as habilidades do narrador, suas conquistas e seu poder. Alguns daqueles homens acabam desfrutando muito prazer nessas (con)vivências clandestinas. Nos fóruns, podem criar um perfil que lhes dê prestígio entre os demais frequentadores, resignificar existências ordinárias a partir de narrativas de experiências extraordinárias²⁶. Se o segredo cria armadilhas, pois pode ser traído e revelado a qualquer momento, maculando aquele que foi alvo da revelação, ele também proporciona que se crie, pelo menos ali, uma vida intensa, cheia de erotismo alimentado pela fruição do 'exótico'.

O exótico, neste caso, estaria relacionado não só com os corpos, mas também com as práticas. Nelas o exótico e o erótico coincidem. Os corpos e o que se pode fazer com eles. Nesta medida, o dinheiro também entra como um elemento de excitação. É ele quem proporciona, ao menos inicialmente, o encontro e paga pelas muitas possibilidades desse sexo²⁷. Os excessos são um luxo, e as travestis aprenderam no Brasil, que elas próprias são uma espécie de excesso, uma excepcionalidade.

Na Espanha, esse sexo excepcional, isto é, com alguém que pode oferecer pênis e peito, ativo e passivo, o ânus, como um luxo que romperia a medida dada pelo sexo 'natural', heterossexual e procriativo, é uma espécie de luxo pelo qual os espanhóis tem podido, apesar da crise, pagar. Um dos mais assíduos *foreros* do *RinconTranny* assina seus post com a seguinte frase, também presente em comentários no *Taiaka Shemale*: “*He gastado mucho dinero en mujeres, coches rápidos y fiestas. El resto simplemente lo he malgastado*”. A frase, atribuída a George Best, um irlandês, famoso jogador de futebol, no espaço dos fóruns explicita a associação entre masculinidade e dinheiro, prazer e excessos, sexo e humor²⁸.

Na relação entre comércio e sexo, o que minhas análises sugerem é que, ao mercantilizar seus desejos e tratar o sexo pago como mais uma opção de lazer, os clientes das travestis estão acionando uma estratégia relativamente

²⁶ Todos os quatro homens que se identificaram como amantes e/ou clientes com os quais estive na Europa, levavam vidas bastante regradas, em empregos fixos, três deles viviam sós e, em relação à aparência física não têm atributos que os identifique com os padrões vigentes de masculinidade e beleza. Em minha pesquisa durante o doutorado, um interlocutor me disse que entre as travestis, eles, ainda que fossem homens sem grandes atrativos físicos, ficavam sempre com as “tops”.

²⁷ Muitas travestis cobram à parte para ejacular, para consumir drogas junto com o cliente ou para urinar sobre ele. Mais caros também são os serviços sado-masoquistas e de transformismo, quando o cliente deseja se vestir com roupas femininas e ser tratado como mulher.

²⁸ Para uma discussão acurada instigante entre sexo e riso ver Leite Jr., 2006.

consciente de assegurar a masculinidade que está sempre sob ameaça, devido suas práticas sexuais. Mais uma vez aparecem distinções entre essa clientela e aquela ouvida por Piscitelli (ainda que muitos dos frequentadores dos fóruns de travestis também saíam com prostitutas mulheres, àqueles mais assíduos nos sites tendem ser o que se concentram nos serviços oferecidos por travestis). Pois, ao contrário dos frequentadores do *Ricontranny* e *Taiaka Shemale*, aqueles declaram buscar práticas relativamente “tradicionais” (PISCITELLI, 2009, p. 194). Diferentemente do que contam as travestis sobre seus clientes espanhóis. Em muitas conversas que tive com travestis que se prostituem ou se prostituíram na Espanha, foi ressaltado o gosto daqueles homens por práticas tidas por elas como “estranhas”, fossem as “chuvas dourada, marrom ou branca” (sexo com urina ou fezes e ejaculação no rosto), ou prazer de fazer sexo anal como “passivos” e o chamado “transformismo”, isto é, vestir-se com roupas femininas e exercer o papel de “passivo” no ato sexual²⁹.

Transpor a barreira das convenções é temeroso, mas excitante. “Na maior parte do mundo ocidental, é justamente a ideia de transgressão que cria o erótico – que faz significar a sexualidade”, argumenta Cláudia Fonseca (2004, p. 259). Maria Filomena Gregori, a partir de Bataille, sublinha que “a concepção de erotismo como transgressão às convenções morais é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo”³⁰ (GREGORI, 2004, p. 236). O feminino pode ser encarnado pelo homem ou pela travesti, em ambos os casos, o prazer fruído pelo cliente tem algo de contraventor e, por isso, exige o segredo.

Invisibilizados nas pesquisas, anônimos na *web*, os clientes se escondem, pois sabem que seus desejos se constituíram pela vergonha³¹ e que,

²⁹ Em Barcelona entrevistei uma travesti brasileira muito bem contada no mercado sexual espanhol. Ela atribui parte de seu sucesso ao fato de dedicar-se às fantasias de submissão desses homens e ao transformismo. Para garantir a satisfação dos clientes, mantém em um armário com diversos pares de sapatos femininos de tamanhos que variam do 40 ao 46, todos pertencentes a homens que a visitam. A referida profissional tem ainda diversas fantasias que remetem ao feminino que podem ser usadas pelos clientes. Por uma seção de sexo com transformismo ela cobra 400 euros.

³⁰ É preciso salientar que em Bataille (1987) os gêneros são rigidamente concebidos, sendo a cadeia feminino/passivo/violado relacionada à mulher, cabendo a atividade/agressividade/violação ao masculino, homem. Esta visão, certamente, encontra limites analíticos para as relações abordadas neste relatório, porém, há aspectos teóricos dessa proposta que, mesmo com ressalvas, são úteis para se pensar sobre os elementos que erotizam o encontro sexual entre travestis e seus clientes.

³¹ Richard Miskolci, vale das reflexões de teóricos queer como Eve K. Sedgwick e Michel Warner para problematizar este aspecto do dispositivo da heteronormatividade. Escreve ele: “A política da vergonha opera de forma ativa quer seja por meio de ações como a perseguição sistemática, a violência simbólica e física quer seja pela ignorância proposital da existência do desejo homoerótico. Esta ignorância do sofrimento perpetrado em quem vem a expressá-lo ou senti-lo em segredo é reveladora ao contribuir para uma política que se vale da ameaça da vergonha pública e da consequente desqualificação moral. (...) Assim, a sexualidade se constrói em uma dinâmica de conhecimento e ignorância, entre o que pode ser visível (público) e o que é relegado ao segredo (privado) de forma que ‘Quanto mais as pessoas estão isoladas ou vivem no privado mais estão vulneráveis aos efeitos desiguais da vergonha’”. (WARNER, 2000, p. 12 apud MISKOLCI, 2008, p. 2)

se publicizados, macularão sua masculinidade. Para eles, está claro que o espaço público é o da heterossexualidade. Sugerindo a percepção que eles têm de que há um antagonismo entre seus desejos e a ordem social vigente.

Como escreve Richard Miskolci,

discursos educativos, governamentais e midiáticos se articulam em práticas sociais que nos formam desde a mais tenra infância para crermos que somos o que desejamos o desejo constitui-se no ponto nodal da sexualidade, ou seja, de um dispositivo histórico do poder que regula socialmente as subjetividades e os corpos direcionando o desejo segundo normas sociais rígidas, dentre as quais se destaca a heterossexualidade compulsória (MISKOLCI, 2008, p. 1).

Talvez, por isso, os espaços dos fóruns sejam tão acionados. Por possibilitarem de alguma maneira que “o terror do estigma” (MISKOLCI, 2008) seja driblado e o prazer não-normativo seja legitimado. Ainda que isso se passe em um ambiente restrito, mesmo que isso se de por meio de uma gramática orientada pelas convenções hegemônicas de sexo/gênero e necessite, muitas vezes, do dinheiro como uma espécie de 'purificador' desse desejo. Nesse território dos desejos tidos como não-convencionais, o sexo com travestis é comprado “com a moeda do fascínio, do medo, do desprezo” (LEITE JR., 2006, p. 22)³².

Nessas experiências transgressoras, o que parece evidente quando percorremos os mais de 200 mil tópicos de discussões reunidos no *Ricontranny* (RT) e *Taika Shemale* (TS)³³ é que práticas sexuais que ali se anunciam prometem ser muito mais excitantes do que aquelas que eles podem experimentar dentro dos estreitos limites do 'bom' sexo³⁴. Nelas fantasias de poder, sexo e submissão não podem ser pensadas separadas dos corpos que as encarnam e as atualizam, bem como dos discursos que constituem esses corpos como desejáveis e domináveis. Nas palavras de Bhabha,

³² Leite Jr. refere-se aos clientes brasileiros, mas creio que essa afirmação descreve bem o que pude observar entre os espanhóis nos fóruns.

³³ No TS, até 28 de março de 2010, havia 42.513 usuários, enquanto o RT reunia, na mesma data, 22.416. Segundo as estatísticas apresentadas por cada um desses sites, em seus fóruns encontrava-se, na data já referida, 123.535 mensagens para 10.610 temas, no RT, enquanto no TS as cifras são de 148.170 mensagens dentro de 15.254 temas.

³⁴ Rubin, em “Pensando sobre Sexo” (2003), defende que a ideologia sexual popular mescla a ideia de pecado à de inferioridade psicológica, anticomunismo (observe que o texto foi publicado pela primeira vez em 1984, antes do colapso socialista, portanto), histeria de massa, acusações de bruxaria e xenofobia. A mídia, segundo ela, corroboraria esse sistema de estigma e preconceito, favorecendo e fixando uma hierarquia de valor sexual na qual, à “ralé sexual”, caberia a segregação e o infortúnio. No sistema de valores sexuais, o sexo “bom” seria aquele feito entre um homem e uma mulher, preferencialmente casados, monogâmicos, que visam fins procriativos e, assim, fazem um sexo não comercial. (RUBIN, 2003, p. 26-27).

a construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença - raciais e sexuais. Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo esta sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder (BHABHA, 1998, p.107)

Os dados que reuni até o momento e as leituras sobre o tema do mercado transnacional do sexo, apontam para a relação estreita entre as experimentações sexuais e a presença acentuada de diferentes corporalidades e culturas circulando nas ruas, clubes ou páginas da internet, incitando o desejo, nesse “apaixonado comércio econômico e político” (YOUNG, 2005). Robert Young, analisando as relações intensificadas de trocas mercantis forjadas pelo colonialismo, propõe que os sentidos da palavra comércio “inclui tanto a troca de mercadorias quanto a de corpos em relações sexuais” (YOUNG, 2005, p. 222). Séculos depois, as marcas dessa gênese parecem ainda visíveis e podem nos ajudar a “explicar porque nossas próprias formas de racismo permanecem tão intimamente ligadas com a sexualidade e o desejo” (YOUNG, 2005, p. 222).

Referências

AGUSTÍN, Laura. Mujeres inmigrantes ocupadas en servicios sexuales. *Mujer, inmigración y trabajo*. Ed. Colectivo loé, p. 647-716. Madrid: IMSERSO, 2001.

BATAILLE (1987)

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BHABHA, Homi K. (Org.). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. Cuerpos que Importan: sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2002.

COLECTIVO IÓE; AGUSTÍN Laura. *La emigración en la industria del sexo* (I). 2005. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2005/enero/soc_001.htm>. Acesso em: 25 fev. 2009.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos pagu*, n. 28. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, jan./jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100016&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2009.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos pagu*, n. 19. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200004&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2009.

FONSECA, Cláudia. A morte de um gigolô. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana; CARRARA, Sergio (Orgs.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana; CARRARA, Sergio (Orgs.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KULICK; KLEIN, 2003

LEITÃO, Débora Krischke. Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França. *Horiz. antropol.*. Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200009&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan. 2008.

LEITE JR., Jorge. Das Maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 3. Florianópolis: UFSC, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300013&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2009.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3. Florianópolis: UFSC, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300002&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2009.

MESSEDER, S. A. Por qué es la antropóloga, por eso no es puta brasileña? Do mito fundador ao imaginário da mulher brasileira na Comunidade Autônoma de Galícia. *XVI Encontro ABEP, 2008, Caxambu*. Trabalhos aprovados para apresentação em Sessão Temática. 2008.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças. *16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE): no Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las*. v. 1. p. 1-19. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

_____. Desejo e Solidão. *Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos*. Seção Artigo e Papers. 2008. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5015&sid=4>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

PATRÍCIO, Cecília. *No truque: fluxos migratórios de transgêneros brasileiras a Espanha: uma perspectiva transnacional*. 2008. Disponível em: <http://209.85.229.132/search?q=cache:yunJLWcpffAJ:www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/public_flu_mig_tra.pdf+patricio+no+truque&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&client=firefox-a>. Acesso em: 28 mai. 2009.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2007.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. *Interface*, v. 12, n. 26. Botucatu: UNESP, set. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300004&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 mai. 2009.

PISCITELLI, 2008

PISCITELLI, Adriana. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Sexualidad, Salud y Sociedad: revista latinoamericana*. n.1, p. 177-201, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6/0>>.

Acesso em: 06 mar. 2009.

_____. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 22, n. 64, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200002&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2009.

_____. Exotismos? Gênero, Corporalidade e Nacionalidade na inserção de Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Projeto de Pesquisa para Estágio Pós -Doutoral de Pesquisa apresentado à Fapesp*. 2006.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos pagu*, n. 23. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2009.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. *Labrys Estudos Feministas*. jan./jun. de 2008. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys13/perspectivas/marga.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2009.

ROSADO, Zara; CASTRO, Rojas; FERNANDÉZ, Navaza. *Trabajadoras Transexuales del Sexo: el doble estigma*. Madrid: Fundación Triángulo, 2008.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos pagu*. n. 21. p. 1-88. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, 2003.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.